

Antiga Mazagão, El Jadida (a Nova)

A antiga cidade portuguesa de Mazagão localiza-se em El Jadida, na costa ocidental de Marrocos. Mazighan era um porto de pescadores no século XII e local de carregamento de trigo para os portugueses desde finais do século XV.

Dadas as suas excelentes condições de desembarque, o rei D. Manuel mandou aí erguer um castelo em 1514. As obras estiveram a cargo dos irmãos Francisco e Diogo de Arruda. Seria um espaço quadrado (a praça central), com paióis, construções de madeira e residência do capitão, delimitado por uma muralha espessa com torreões nos ângulos e ameias, uma torre mais alta com guarita de vigia e terraço cilíndrico com mísulas piramidais. Junto à torre estaria a porta do castelo, actual porta de entrada para a cisterna, com ponte levadiça. Um casario a sul, rodeado por cerca amada, barbacã e fosso, de morfologia espontânea, seria a parte antiga da vila ampliada em 1537. Aí se situava o balneário, embora sem cisterna⁽¹⁾.

Pouco tempo depois considerava-se ineficaz o sistema fortificado manuelino, face às novas armas de fogo e tácticas militares. Em 1529 o arquitecto João de Castilho viajou ao Norte de África, acompanhado de Duarte Coelho para inspecionar as fortalezas. Estudava-se maneira de adaptar a vila aos novos conceitos italianos de fortificação.

Em Abril de 1541, D. João III enviou o engenheiro italiano Benedetto de

L'ancienne ville portugaise de Mazagão, construite en 1541, fut l'un des premiers exemples de fort bastionné pour pouvoir résister aux nouveaux canons et aux nouvelles tactiques de siège. Ce fort s'est développé autour d'un château manuelin qui occupe la place centrale, où se trouve une citerne remarquable. Les Marocains l'ont prise en 1769 et l'ont restaurée cinquante ans après. La ville est alors rebaptisée El Jadida (*La Nouvelle*).

Ravena e Miguel de Arruda ter com Diogo de Torralva para reforçar Mazagão. Escolherem o local à volta do castelo para construção da cidade fortificada. O projecto de Ravena foi construído a cargo de João de Castilho e João Ribeiro. Apesar das dificuldades em retirar pedra da pedreira, das condições do solo rochoso e da presença do mar, as obras das cavas e muralhas com baluartes terminaram ao fim de um ano. É conhecida a capacidade construtiva de Castilho, pelas suas obras no mosteiro dos Jerónimos e no Convento de Cristo em Tomar. Embora diga em cartas respeitar o plano de Ravena, muitas decisões terão sido tomadas por ele em obra. Resta saber o que poderá ser-lhe atribuído; veja-se a polémica relativa à cisterna.

Apresentamos parcialmente algumas plantas mais significativas da evolução de Mazagão. A fortaleza com forma de estrela de quatro pontas, assenta parcialmente sobre o mar. A muralha tem de largura apro-

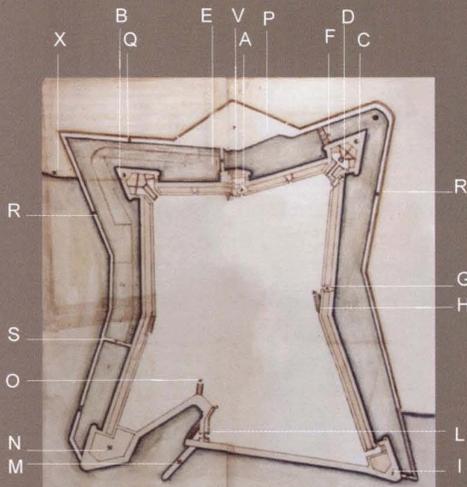


Fig. 1 – Planta de Mazagão de 1611 (parcial) Arquivos Nacionais / Torre do Tombo

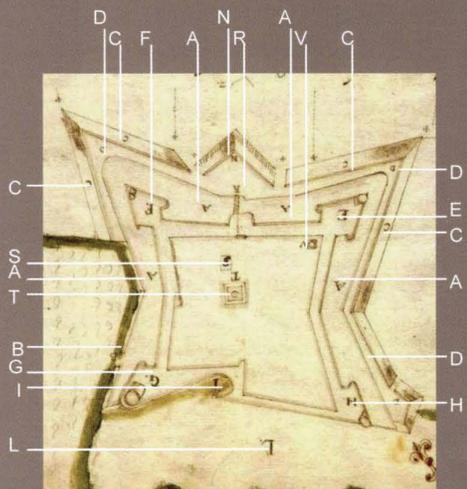


Fig. 2 – Planta de Mazagão do álbum do engenheiro João Tomás Correia, (parcial) ca. 1730 – Biblioteca Nacional, Lisboa



Fig. 4 – Baseado na planta de 2000 (Divisão de Cartografia), Tese de João Matos



Fig. 3 – Planta de Mazagão do engenheiro Simão dos Santos (parcial), ca. 1720 – 1760 Instituto Geográfico Português

Legenda:

Fig. 1
 A – Pórtá Principal ; B – Beluárte que se dís Santo Espirito ou do Combatte ; C – Beluarte de Sam Jórge, ou de Dom Diogo ; D – Porta da Treiçam ; E – Ponte ; F – Canno de agoa que vem por dentro, está desbaratado ; G – Porta dos Bois ; H – Esquada dos Bois ; I – Beluárte do Nórté ou de Sam Sebastiam ; L – Porta da Ribeira ; M – Molle da Pórtá da Ribeira ; N – Beluárte de Santiago ou do Anjo ; O – Esquáda da Calhetta por onde sobem Cauállos ; P – Primeiro Rebelim ; Q – Estrada Cuberta ; R – Molhe até o Beluárte de Santiago ; S – Buxas por onde enche e váza a caua ; T – Buxas por onde enche e váza a caua ; V – Esquáda que sobe ao Beluárte da Porta Prinsipal ; X – Prea már de agoas viuas ; Z – Sorgidouro dos nauios grandes."

Fig. 2
 Os A.A. He ofosso a Roda da Praça ; B – a entrada no fosso donde entrão caravelas ; C – Esplanadas do parafeito da estrada encuberta ; D – Estrada Encuberta ; E – Baluarte de S.º An.º com seu cavaleiro ; F – Baluarte do Serão com seu cavaleiro ; G – Baluarte do Anjo com seu cavaleiro ; H – Baluarte do Norte com seu cavaleiro ; I – Porta do Mar ; L – Praya q se cobre dagua quando enche ; N – Revelim ; R – Ponte e porta p.ª a terra com suas estacas ; T – Sistema a roda da qual estão os seleiros e a torre devigia, e a polvora ; S – Igreja Matris ; V – o Poço dentro da Praça

Fig. 3
 A – Baluarte do Norte ; B – B.te do Anjo ; C – B.te de S.to Antonio q olha pª o alto da pedraira ; D – B.te do Gor ; E – B.te do Serraõ ; F – Torre do Rebate ; G – Torre com Cadea e Cadea ; H – Torres de Polvora ; K – Cavalleiro ; I – Igreja Matriz ; L – Piedade ; M – Nossa Senhora da Luz ; N – Nossa Senhora da Nazareth ; O – Nossa Senhora do Pilar ; P – São Jozé ; Q – S. Francisco on S. Sebastião feita pelo C. de C.ª ; R – Santa Cruz ; S – São João ; T – Misericórdia ; V – Hospital ; X – Palacio ; Y – Quartéis ; Z – Armazens ; a – Vedoria ; b – Sellaeros ; c – Sistema ; d – Posso ; e – Chafaris ; f – Nossa Senhora da Penha de Franca ; g – Cazas dos Padres

ximadamente 11,2m, sendo 3,3m de ameias/parapeito, 1,9m o contra-muro, e 6m de vão por onde passavam dois carros. Tem cerca de 13,6m de altura acima da água do fosso e 11,2m por dentro até ao chão⁽²⁾. O traçado urbano regular renascentista apenas aparece representado em plantas do século XVIII.

Uma planta de 1611 (fig. 1) e respectivo relatório, documentam obras de desaterro no fosso. Antes do cerco de 1562 a cava era mais estreita, *largura que se mostra pelos dous pontos*, representado no fosso sul; para os navios chegarem à Ponte, abriu-se um *boquette* no lugar das buxas (S), por onde se entulhou a cava de areia e limo. Nestas obras tapavam o *boquette* e desentulhavam o fosso. Refere-se que o molhe (M) e parte dos degraus que subiam para a Porta da Ribeira (L) estavam arruinados, devendo ser reparados pois era a única porta por onde a fortaleza podia ser socorrida em tempo de cerco; a porta da Traição (D) não dava para o fundo da cava; a porta dos Bois (G) encontrava-se fechada, podendo assim continuar pois não tinha serventia⁽³⁾.

Na planta de 1730 (fig. 2), em vez de *Porta da Ribeira* é designada a *Porta do Mar* (I), infelizmente não desenhada. No interior da muralha localiza-se a cisterna e edifícios do anterior castelo (T), a igreja matriz (S) e um poço (V).

A planta do Engenheiro Simão dos Santos (fig. 3) parece ser fiel ao que seria Mazagão antes da saída dos portugueses em 1769. Localiza

todos os baluartes (note-se as suas diferentes designações), e os edifícios mais importantes: no local do castelo, a Torre do Rebate (F), a Torre com Cadeia (G), a Torre da Pólvora (H), a Igreja da Misericórdia (T), o Hospital (V), a Vedoria (a) e os Seleiros (b); as igrejas de Nossa Senhora da Luz (M), S. Francisco ou S. Sebastião (Q); as ermidas de Nossa Senhora da Nazaré (N), Nossa Senhora do Pilar (O), São José (P), Santa Cruz (R), São João (S) e Nossa Senhora da Penha de França (f); o palácio do Governador (X), os armazéns (Z), o poço (d), o chafariz (e) e casas dos padres (g).

Em 1769 os portugueses sofreram um violento cerco e perderam Mazagão. Infelizmente deixaram a cidade minada, destruindo sobretudo a cortina poente, substituída por casario (fig. 4). Esteve 50 anos ao abandono e era então designada *al-Mahdouma (a arruinada)*. No século XIX o sultão Moulay Abderrahmane decidiu reabilitar a cidade, passando a chamar-se *Al Jadida (a Nova)*.

Novas canhoneiras terão sido construídas, dadas as diferenças entre as originais a norte e sul – com parapeito largo e merlão de perfil arredondado, inclinado para o exterior – e as do lado nascente – com parapeito estreito e merlão recto, sem inclinação⁽⁴⁾.

No século XIX foi entulhado o fosso do lado poente e abertas três portas. No século XX foi entulhado o fosso norte, construiu-se o actual molhe e foi reaberta a Porta dos Bois.

Conserva-se ainda grande parte da fortaleza, o primitivo castelo, a cisterna, as igrejas de Nossa Senhora da Assunção (matriz), da Piedade e de Nossa Senhora da Luz. Embora a totalidade das casas seja do século XIX e XX, mantêm-se o traçado urbano original.

A cidade portuguesa de Mazagão foi classificada Património Mundial, como exemplo de trocas de influências entre as culturas europeias e a cultura marroquina e um dos primeiros a concretizar os ideais do Renascimento. ■

NOTAS

⁽¹⁾ Rafael Moreira, *A construção de Mazagão: Cartas inéditas 1541-1542*, IPPAR, Lisboa, 2001, pp. 33-35.

⁽²⁾ Augusto Ferreira do Amaral, *História de Mazagão*, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, p. 28.

⁽³⁾ António Dias Farinha, *Plantas de Mazagão e Larache no início do século XVII*, Série separatas, nº 87, Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa, 1987, pp. 4-5.

⁽⁴⁾ João Manuel Barros Matos, tese de Mestrado *A fortaleza de Mazagão: bases para uma proposta de recuperação e valorização*, Évora, 2001, pp. 200-245.

SORAYA GENIN,
KRISTA DE JONGE,
RAFAEL MOREIRA,
Investigação co-financiada pelo POCI
2010 e pelo FSE, no âmbito
do Doutoramento em Engenharia na
Universidade Católica de Leuven, Bélgica